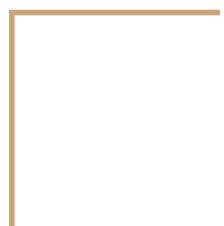


*SONS PARA UM DIA DE VERÃO*



ArsisTrio





**Inês Filipe**  
Piano

**Francisco Lourenço**  
Viola d'Arco

**Ângelo Santos**  
Clarinete

PT

Formado em 2017, ArsisTrio é constituído pelo violinista Francisco Lourenço, o clarinetista Ângelo Santos e a pianista Inês Filipe. Desde a sua formação, o grupo tem-se dedicado à interpretação das grandes obras para Clarinete, Viola e Piano, no entanto explora amplamente o repertório Português e de expressão Portuguesa, de compositores do nosso tempo e de outros. Desde então, o ArsisTrio tem trabalhado regularmente com músicos como Ana Bela Chaves, António Pereira, António Figueiredo, Fausto Neves, Nuno Inácio, entre outros. Apresenta-se publicamente de forma regular em diversos locais em Portugal, Espanha e França destacando-se em 2018 o ciclo de concertos “Musica als Parcs” em Barcelona onde realizou múltiplos recitais.

EN

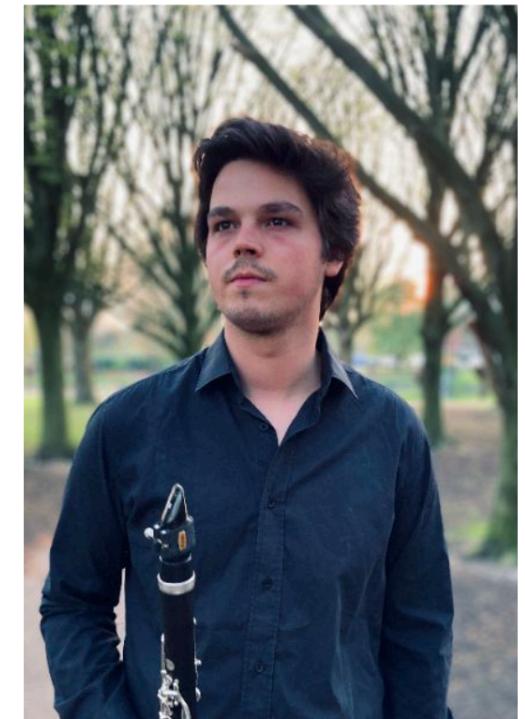
Formed in 2017, ArsisTrio consists of the violist Francisco Lourenço, the clarinetist Ângelo Santos and the pianist Inês Filipe. Since its formation, the group has been devoted to interpreting the great works for Clarinet, Viola and Piano, yet widely exploring the Portuguese repertoire and of our time and others. Since then, ArsisTrio has worked regularly with musicians such as Ana Bela Chaves, Antonio Pereira, Antonio Figueiredo, Fausto Neves, Nuno Inacio, among others. Performs publicly on a regular basis in various venues in Portugal, Spain and France. In 2018, the Trio was invited to participate in the “Musica als Parcs” concert cycle in Barcelona where he performed multiple recitals.

---

**Ângelo Santos**, clarinetista natural de Paços de Ferreira, iniciou os seus estudos musicais com 10 anos na Banda Musical de Paços de Ferreira, na classe do professor António Carneiro. Ingressou no Centro de Cultura Musical, em 2012 na classe do professor André Silva, onde terminou o curso secundário de música. É licenciado em Música pela Universidade de Aveiro, na classe do professor Luís Carvalho, onde atualmente frequenta o 2º ano de Mestrado em Ensino da Música. Frequenta também o 1º ano de Mestrado em Performance no Conservatório Real de Haia, na classe da Professora Annelien van Wauwe.

Ângelo apresenta-se regularmente em público, tanto em recitais a solo como nas mais diversas formações. Mantém uma carreira de música de câmara bastante ativa, trabalhando nas mais diversas formações. Colabora frequentemente com diferentes orquestras tais como Orquestra Filarmónica Portuguesa, Orquestra Filarmonia das Beiras e Banda Sinfônica Portuguesa. Participou em inúmeros concursos nacionais e internacionais, de onde se destacam premiações no Concurso Internacional Terras de La Salette ou Concurso Sons do Cabral.

Ao longo dos anos tem vindo a aprofundar os seus estudos com inúmeros professores, entre eles Luís Carvalho, Sérgio Neves, Annelien van Wauwe, Nuno Silva, Nuno Pinto, António Saiote, Victor Pereira, Juan Ferrer, Venâncio Rius, António Salguero, Julia Heinen, Iva Barbosa, Manuel Hernandez, Horácio Ferreira, Arno Piters, Julien Hervé e Oliver Patey. Ao longo da sua carreira tem trabalhado com os mais variados maestros tais como António Vassalo Lourenço, Luís Carvalho, André Granjo, Ernest Schell, Rafa Agulló, Fernando Marinho, Hugo Ribeiro, Luís Machado, José Eduardo Gomes, Alexandre Coelho, Alex Schillings e Osvaldo Ferreira.



**Francisco Lourenço** faz parte da nova e talentosa geração de violetistas portugueses que cada vez mais se afirma como uma referência dentro e fora de Portugal. Ao longo da sua aprendizagem, Francisco tem mantido uma atividade musical promissora apresentando-se regularmente em prestigiados festivais tanto a solo como em música de câmara ou orquestra.

É atualmente o primeiro Viola da Gustav Mahler Jugendorchestra, mas desde tenra idade tem vindo a integrar diversos projetos como a European Union Youth Orchestra, a Jovem Orquestra Portuguesa e o Estágio Gulbenkian para Orquestra, últimos dois enquanto primeiro Viola, e a colaborar com orquestras como a Staatskapelle Dresden, Orchestre National de Lille, Orchestre Philharmonique de Radio France, Ensemble Intercontemporain, Koninklijk Concertgebouwkest (através do projeto Side by Side), Orquestra XXI, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra de Câmara Portuguesa, entre outras.

Dos festivais em que se apresentou a solo ou música de câmara, nomeadamente com o Arsistrio, do qual é membro fundador, destacam-se o Musica als Parcs (Barcelona), Festival de Música de Capellades, Festival de Voirons (Genebra), Schleswig-Holstein Musik Festival (Lübeck), entre outros. Em Julho de 2019, no âmbito do SchleswigHolstein Musik Festival, tem a oportunidade de trabalhar regularmente com a professora Tabea Zimmermann e realiza múltiplos recitais a solo e com a pianista Zheeyoung Moon.

Em 2021, assumiu a direção musical e parte solista do Concerto para viola, cordas e contínuo em Mi bemol Maior de J. S. Bach, gravado e editado pela Régie des Métiers du Son do Conservatoire National de Paris, e acompanhado pelos alunos desta mesma escola.

Francisco foi distinguido com o segundo prémio da categoria Viola - Nível Superior do Prémio Jovens Músicos e do segundo Prémio do Prémio de Interpretação Frederico de Freitas.

Com vista ao constante aperfeiçoamento técnico e musical, Francisco realiza masterclasses com frequência, tendo trabalhado com professores como Tabea Zimmermann, Nobuko Imai, Ana Bela Chaves, Gérard Caussé, Iris Juda, Ulrich Knözer, Jean-Loup Lecomte, Leo de Neve, Francine Schatborn, Sophie Cherrier, Michel Moragues, David Valter, François Salque, Samuel Barsegian, Emerson de Biaggi, António Pereira, Peter Stark, Irene Lima, António Figueiredo, Fausto Neves, Olga Prats, entre outros.

Nascido no seio de uma família de músicos, a sua relação com esta arte nasceu muito antes do primeiro contacto aos 7 anos de idade com a Viola d'Arco, quando iniciou os seus estudos com o professor Hugo Diogo no Conservatório de Aveiro Calouste Gulbenkian. Passados 13 anos, em 2018, conclui a licenciatura na Universidade de Aveiro com a classificação máxima, sob a orientação do professor António Pereira. Neste momento, prossegue a sua formação no Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse de Paris na classe do professor David Gaillard e Nicolas Bône, sendo bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.



**Inês Filipe**, pianista portuguesa, natural de Aveiro, é vencedora de inúmeros prémios em concursos de piano Nacionais e Internacionais tais como Prémio Interpretação Frederico de Freitas, Paços Premium, Concursos de Piano do CMACG, Elisa Pedroso, Concurso Internacional Cidade do Fundão, destacando-se o “Prémio Antena2” do XVII SIPO Internacional Piano Festival, sob o olhar atento de um prestigiado painel de jurados que contou com a presença de Boris Berman, Luiz de Moura Castro, Josep Colom e Paul Badura-skoda.

Apresenta-se regularmente em recitais como solista, contando já com performances em inúmeros países tais como Espanha, Inglaterra, França, Itália, Bélgica, Tailândia... Em Portugal actuou a solo na SIPO Internacional Piano Festival, num recital transmitido em direto para a Antena 2 (National Portuguese Radio); PianoPorto Festival, Nacional Museum of Music-Lisbon; Festivais de Outono'18; Ciclo “Hands on Piano 2018”; Dias de Música em Belém (CCB); Casa da Música- Porto “100 Pianistas para a Dona Helena”, Ciclo de Concertos de Coimbra'19; entre outros. Estreou-se como solista com a Orquestra Filarmonia das Beiras em 2018, interpretando o concerto de Ravel em Sol sob a direcção do maestro Ernest Schelle.

Apresenta uma grande versatilidade no que diz respeito à escolha e execução do repertório pianístico, incluindo obras em concerto que vão desde Bach até música contemporânea. O interesse pela música moderna e contemporânea portuguesa faz com que tenha desempenhado um papel ativo na divulgação da mesma, contando já com várias estreias de obras de compositores portugueses, destacando-se a parceria com o premiado compositor Gerson Batista. Inês Filipe integra vários projectos de música de câmara, com os quais se apresenta frequentemente em concerto.

Ao longo do seu percurso artístico tem aprofundado os seus conhecimentos em Masterclasses de piano com os mais conceituados pianistas a nível mundial tais como Paul Badura-Skoda, Josep Colom, Constantin Sandu, Luiz de Moura Castro, Aquilles Delle Vigne, Jaime Mota, Paulo Oliveira, Fernando Rossano, Constantin Ionescu-Vovu, Boris Berman, entre outros. Frequentou o Conservatório de Música de Aveiro, na classe da Professora Patrícia Sousa. Paralelamente aos estudos musicais frequentou o curso de Engenharia Civil na Universidade de Aveiro, terminando a licenciatura no ano 2014. Licenciou-se em Performance de piano, na classe do Professor Fausto Neves na Universidade de Aveiro (2017). Realizou (2017/2018) pós-graduação em performance de piano no Conservatori Superior Del Liceu Barcelona, na classe do pianista Josep Colom. Concluiu o Mestrado em Performance de piano no Conservatorio Stanislao Giacomantonio-Italy com a máxima classificação na classe do pianista Rodolfo Rubino.



## W. A. Mozart K.498 - *Kegelstatt Trio*

- I.        *Andante* (5 min.)
- II.      *Menuetto, Trio* (6 min.)
- III.     *Rondo* (9 min.)

## Joly Braga Santos Op.62 - *Aria a tre con Variazione* (10 min.)

## Max Bruch Op.83 - *Acht Stücke*

- I.        *Andante* (4 min.)
  - II.      *Allegro con moto* (3 min.)
  - III.     *Andante con moto* (6 min.)
  - VI.     *Nocturne, Andante con moto* (7 min.)
  - VII.    *Allegro vivace, ma non troppo* (4 min.)
-

**Joly Braga Santos** nasceu em Lisboa em 1924 e morreu nesta cidade em 1988, no auge da sua criatividade musical.

Estudou violino e composição no Conservatório Nacional em Lisboa, foi discípulo de Luís Freitas Branco. Após a guerra, estudou direção de orquestra com Hermann Sherchen (Veneza, 1948, Lugano, 1958-1959 e Antonino Votto, e composição com Virgílio Mortari (Roma 1957-1961).

Apesar de ter escrito apenas seis sinfonias, foi sem dúvida o principal sionista português do século XX.

*Aria a Tre con variazione* é uma obra composta em 1984, período em que Joly Braga Santos escreveu essencialmente obras para música de câmara.

Foi precisamente na década de 80 que foram concedidos ao compositor vários prémios e distinções, destacando-se a condecoração pelo Estado Português com a Comenda da Ordem de Santiago da Espada por Mérito Artístico, distinção atribuída pelo Presidente da República em Junho de 1981. Recebeu também o Prémio de Composição em 1987 e em 1988 o Prémio de Música da Antena 1.

A estética desta composição insere-se no modelo de escrita tardia de Joly Braga Santos, apesar de resgatar elementos muito próprios dos períodos de composição iniciais, tais como a utilização de contornos melódicos que evocam canções folclóricas antigas do seu país, que considerou "fascinantes de originalidade e grandeza".

Aqui, é ainda evidente o forte ascendente de Luís de Freitas Branco, nomeadamente no culto de ideais neoclássicos, do modalismo e ainda na procura de construir obras que, segundo o próprio Braga Santos, "não desdenhando as conquistas do século XX, falassem ao homem comum com simplicidade e clareza". Também compositores como William Walton e Vaughan Williams exercem influência.

**Wolfgang Amadeus Mozart** nasceu a 27 de janeiro de 1756, em Salzburgo e faleceu a 5 de dezembro de 1791, em Viena.

Mozart mostrou uma habilidade musical prodigiosa desde a sua infância e apresentou-se nos principais centros musicais da Europa. Foi um compositor precoce e um dos mais produtivos em toda a música ocidental. A tradição define-o o expoente do rococó.

A perfeição das suas obras está na base do adjetivo que quase se estabeleceu como sinónimo do seu nome, genial. Mas dizer génio, é dizer pouco. Mozart é o dom da humanidade, a consubstanciação de tudo o que ela tem de trágico e burlesco, o milagre terreno da criação.

Em 1786 devido à escassez de oportunidades para expor a sua música decidiu voltar a sua atenção para composições de música de câmara. Durante a segunda metade deste ano, Mozart compôs prolificamente para as mais variadas formações de música de câmara, entre as quais o *Trio em Mi bemol Maior, K. 498 ("Kegelstatt")* para clarinete, viola e piano.

Mozart dedicou este trio aos seus amigos Franziska von Jacquin, uma das suas melhores alunas de piano e a Anton Stadler, seu amigo e um dos primeiros virtuosos clarinetistas da história. Na sua estreia, foi o próprio Mozart quem tocou a parte da viola.

Este Trio, também conhecido como "trio das bolas", crê-se que tenha sido inspirado no jogo de boliche, possivelmente jogado com os seus referidos amigos no verão desse ano. Esta obra é a primeira escrita para esta formação e o seu espírito alegre parece refletir bem o período feliz da vida de Mozart, bem como a relação de amizade com os músicos para quem a escreveu.

**Max Bruch** nasceu em Colónia em 1838 e morreu em Berlim em 1920. É um dos mais ilustres compositores da estética romântica tardia, tendo herdado a herança musical de alguns dos seus antecessores alemães, particularmente de Robert Schumann e Felix Mendelssohn Bartholdy, e convivido no apogeu musical alemão da segunda metade do século XIX com compositores como Johannes Brahms.

Efetivamente, as suas obras complexas e bem estruturadas na tradição musical romântica alemã, colocam-no no campo do romantismo "clássico", tão bem ilustrado por Brahms, ao invés do estilo inovador de Franz Liszt e Richard Wagner.

O período áureo da sua composição dá-se, sobretudo, nos dez últimos anos da sua vida, quando renuncia a todas as suas funções e se dedica inteiramente à composição. Nesta época, a sua estética havia madurado para um Romantismo conservador, de índole extremamente intenso e emotivo, que se destacava do espírito revolucionário de compositores da sua época, tais como Stravinsky e Schoenberg.

É precisamente neste período que, em 1910, Bruch publica as *Acht Stücke* para clarinete, viola e piano.

As oito peças já haviam sido escritas individualmente em 1908 para o seu filho Max Felix, um notável clarinetista, e, na sua estreia, três das oito peças foram interpretadas com uma harpa em vez do piano, por preferência do próprio compositor. No entanto, uma vez que o manuscrito original desta obra está desaparecido, apenas se tem a certeza de duas que foram originalmente escritas para harpa: a peça no.5 *Rumänische Melodie* e a peça no.6 *Nachtgesang*. Quanto à outra peça, analisando a parte de piano, podemos seriamente considerar que seria a peça no.3, tendo em conta a semelhança na escrita às demais peças escritas para Harpa, Viola e Clarinete.

As *Acht Stücke* aparecem como um prelúdio ao Duplo concerto para Clarinete e Viola, escrito no ano seguinte à publicação das peças, em 1911, que com ele partilha o espírito apaixonado, intenso e íntimo, envolto numa sonoridade tão própria desta formação.